

A Estrutura Competitiva e o Posicionamento Estratégico da Indústria Bancária Perante Grandes Distúrbios Ambientais: Um Estudo dos Bancos Brasileiros

Gisele Walczak Galilea[†]
FGV/EAESP
William Eid Junior^º
FGV/EAESP

RESUMO

Este trabalho examina a dinâmica da estrutura competitiva e o posicionamento estratégico dos bancos brasileiros. Ao longo dos dezoito anos abrangidos pelo estudo, observamos períodos de instabilidade estratégica nessa indústria e nas diferentes estruturas de grupos estratégicos, no que se refere não só ao seu número, mas também a sua composição. Este estudo, portanto, fornece evidências empíricas de que dificilmente encontraremos períodos de plena estabilidade estratégica. Esses resultados indicam que, em algum momento, há uma mudança no posicionamento estratégico dessas empresas e fornece uma visão em relação aos padrões competitivos de uma indústria ao longo do tempo.

Palavras-chave: Estratégia dos bancos brasileiros; Grupos estratégicos; Teoria da organização industrial; *Mclust*

1. INTRODUÇÃO

A conduta e o desempenho das empresas e indústrias são temas que têm despertado considerável interesse científico há algum tempo. Uma compreensão lógica no que diz respeito ao modo de operação das firmas e indústrias era originalmente o objetivo principal da literatura em Organização Industrial (OI).

A teoria, então, baseada no paradigma da “estrutura-conduta-desempenho” (*structure-conduct-performance*) supôs que, para um determinado setor haveria uma estratégia ideal a ser seguida e, portanto, as variações na rentabilidade das empresas seriam o resultado de uma economia de escala (Mason, 1949 e Bain, 1959). No entanto, as observações de Hunt em 1972 mostraram a presença de grupos no mesmo setor com estratégias diferentes e, assim, nasceu uma nova linha de investigação.

A abordagem de grupos estratégicos proporcionou uma nova caracterização dos fatos. Este trabalho está focado nesse tratamento. Questões como a dinâmica da estrutura competitiva e posicionamento estratégico das empresas e indústrias são de grande interesse acadêmico. No entanto, a análise da conduta dos grupos estratégicos ao longo do tempo mostra ser um veículo apropriado ao examinar sobre a história e evolução de um mercado.

Os estudos empíricos de Cool (1985), Cool & Schendel (1987), Fiegenbaum (1987), Mascarenhas (1989) e Fiegenbaum & Thomas (1990) analisam as questões básicas no que se refere à composição dos

Autor correspondente:

[†] FGV/EAESP

E-mail: gwsilva@yahoo.com.br

^º FGV/EAESP

E-mail: william.eid@fgv.br

Recebido: 28/07/2015.

Revisado: 10/11/2015.

Aceito: 21/03/2016.

Publicado Online em: 01/02/2017.

DOI: <http://dx.doi.org/10.15728/bbr.2017.14.4.1>



grupos estratégicos, a sua evolução e aos tipos de mudanças a que tinham sido submetidos a partir de uma perspectiva dinâmica. Esses trabalhos deram origem a uma série de estudos semelhantes durante a década de 1990.

No entanto, algumas restrições devem ser destacadas, como apontado por Zúñiga et al (2004), no que se refere a esses estudos, que, por um lado, em sua análise, a maioria abrangeu um período caracterizado pela estabilidade em condições ambientais e, por outro fez uso de amostras estáveis de empresas, compostas pelas maiores empresas da indústria.

Em linha com os estudos de Zúñiga et al (2004), examinamos, por meio de análise estatística, a dinâmica da estrutura competitiva e o posicionamento estratégico de uma indústria específica: o mercado bancário brasileiro. Durante o período analisado, as empresas dessa indústria estavam sujeitas a distúrbios ambientais contínuas; ademais, esta é uma indústria caracterizada por mudanças em sua composição (falência, fusões, aquisições e privatizações).

Embora este estudo esteja claramente em consonância com a pesquisa de Zúñiga et al (2004), as diferenças relacionam-se às variáveis que caracterizam a ação estratégica ora utilizadas. Uma das lacunas no estudo de Zúñiga et al (2004) está na investigação sobre o posicionamento estratégico dos bancos espanhóis por meio das variáveis que apenas caracterizam este posicionamento estratégico no nível do negócio (tipos de consumidores e produtos), considerando que este estudo preenche essas lacunas, ao expandir a pesquisa para o nível funcional (decisões quanto ao comprometimento de recursos) usando dados das estruturas patrimonial e de resultados dos bancos. De acordo com Amel & Rhoades (1988), decisões quanto ao comprometimento de recursos (políticas de captação e aplicação de recursos) e no âmbito dos negócios (tipo de consumidores, produtos e riscos) estão refletidas nessas estruturas.

Este trabalho está organizado em cinco seções. A seção seguinte mostra uma revisão da literatura sobre as pesquisas que contribuiram para a compreensão do campo do estudo e outros aspectos ligados a ele. Na seção 3, são detalhadas as variáveis do estudo e a metodologia utilizada na sua análise dos dados. Na seção 4, são apresentados e discutidos os resultados e as evidências obtidas. Por fim, na seção 5, concluímos nosso trabalho.

2. A LITERATURA DOS GRUPOS ESTRATÉGICOS

A abordagem de grupos estratégicos surge de uma tentativa de preencher as lacunas existentes na Teoria da organização industrial em relação ao paradigma “estrutura-conduta-desempenho” (*structure-conduct-performance*). O termo “grupo estratégico” foi originalmente cunhado por Hunt (1972), que identificou diferenças estratégicas entre as firmas da indústria americana de produtos da linha branca isolando-as em quatro grupos a partir de três dimensões estratégicas (assimetrias presentes naquela indústria).

Esses grupos foram chamados grupos estratégicos e definidos pelo autor como firmas da mesma indústria que são altamente simétricas no que diz respeito à sua estrutura de custos, ao grau de integração vertical, ao grau de diferenciação do produto, à sua organização formal, aos sistemas de controle, à remuneração e sanções da gestão: e, por fim, às suas opiniões e preferências pessoais com relação aos diversos resultados possíveis.

O conceito de grupos estratégicos passou a ser desenvolvido a partir de dois pontos de vista – o primeiro, que emana da escola da organização industrial (Hunt, 1972; Newman, 1973; Porter, 1973; Caves & Porter, 1977; Newman, 1978 e Oster, 1982), e o segundo, da escola da gestão estratégica (Hatten, 1974; Patton, 1976 e Cool, 1985).

A partir das perspectivas da escola da organização industrial, medidas tais como o tamanho da firma (Porter, 1973 e 1979), o número de agentes em uma indústria (Porter 1976, Oster 1982) e o grau de integração vertical (Newman, 1973) foram tomadas como *proxies* para a estratégia e, portanto, relacionadas ao desempenho para assim explicar as diferenças ora existentes.

Por sua parte, a escola de gestão estratégica tratou os grupos estratégicos de uma perspectiva diferente. A partir da ideia de que esses grupos consistem em uma ferramenta analítica útil para agregar firmas com estratégias semelhantes permitindo então comparações, esta linha de pesquisa concentra-se nas firmas individualmente e nos seus padrões competitivos utilizando inúmeras variáveis ligadas à estratégia, de modo a identificar os grupos estratégicos em uma indústria particular (Hatten, 1974; Patton, 1976 e Cool, 1985).

Já em meados da década de 80, inicia-se uma nova fase de pesquisa agora focada em questões como a exploração das barreiras de mobilidade (McGee & Thomas, 1986 e Mascarenhas & Aaker, 1989) e a estabilidade dos grupos estratégicos (Oster, 1982; Cool, 1985; Cool & Schendel, 1987; Cool & Schendel, 1988; Fiegenbaum, 1987; Mascarenhas, 1989 e Fiegenbaum & Thomas, 1990).

Embora a dinâmica dos grupos estratégicos tenha sido documentada repetidamente em estudos longitudinais da conduta dos grupos, foram observadas diferenças metodológicas significativas nos referidos estudos empíricos.

Há trabalhos cujo método utilizado para definir o período de tempo durante o qual as estruturas do grupo não sofrem alterações significativas é subjetivo, e esses períodos são determinados *a priori* por meio do conhecimento do setor analisado (Amel & Rhoades, 1988 e 1992; Ketchen, Thomas & Snow, 1993) além de estudos em que técnicas estatísticas (entre as quais, o teste T^2 de Hotelling e o teste M de Box) são utilizadas para definir os períodos de estabilidade estratégica (Cool & Schendel, 1987 e 1988; Fiegenbaum & Thomas, 1990 e 1993; Fiegenbaum et al, 1990; Flavián & Polo, 1998; Más, 1999; García et al, 2001; Flavián et al, 2002 e Zúñiga et al, 2004).

Vale destacar que o estudo de Amel & Rhoades (1988), embora defina os períodos de estabilidade estratégica subjetivamente, merece atenção porque traz como uma inovação o uso de dados do balanço contábil como variáveis que caracterizam a atividade estratégica da empresa.

Em consonância com os trabalhos que definem objetivamente o período do tempo em que a estrutura dos grupos não sofre quaisquer alterações significativas, despontam-se pesquisas que voltam sua atenção para as circunstâncias que afetam a classificação das firmas (Mascarenhas, 1989; Bogner, 1991 and Zúñiga et al. 2004).

O trabalho de Mascarenhas (1989), uma análise dinâmica dos grupos estratégicos na indústria do petróleo, já fornecia dados no que se refere a uma conexão entre a mobilidade dos grupos estratégicos e as mudanças ambientais. Por sua parte, Bogner (1991) estudou a dinâmica dos grupos estratégicos na indústria farmacêutica americana e testou várias hipóteses sobre por que as empresas mudaram seu posicionamento estratégico e em quais circunstâncias isso ocorreu. Dentro do conjunto de perguntas exploradas pelo autor, alguns ponderaram a possibilidade de mudanças das firmas de grupos estratégicos em tempos de turbulência.

Ao contrário do esperado, os resultados empíricos obtidos por Bogner (1991) apresentaram mudanças em vários momentos e não apenas durante períodos de turbulência. O trabalho de Zúñiga et al (2004) reforçou eses resultados. Um dos pressupostos deste estudo é que em algum ponto no tempo quase toda a indústria deve apresentar firmas que se deslocam de um grupo estratégico para outro quando o número total de empresas que compõem a indústria é considerado.

Os autores reconhecem que a existência de períodos de estabilidade estratégica demonstrada em estudos anteriores está relacionada à amostra ora selecionada pelos pesquisadores (as maiores empresas em uma indústria) e demonstram empiricamente que, tendo em conta uma população de empresas que ao longo do tempo foram sujeitas a distúrbios ambientais e compostas em grande parte de pequenas entidades, não há estabilidade estratégica, uma vez que, em diversos momentos do tempo, essas empresas se

deslocam de um grupo estratégico para outro, contradizendo outros estudos entre os quais está o de Cool & Schendel (1987).

No que se refere ao Brasil, considerando especificamente estudos relacionados com a indústria bancária, apenas a existência de grupos estratégicos foram exploradas por Savoia & Weiss (1995) e Gonzalez; Savoia & Gouvêa (2008) e até o presente momento não há trabalhos que lidem com a estabilidade dos grupos estratégicos na indústria bancária e as influências exercidas pelas novas condições ambientais sobre os padrões estratégicos dos grupos.

3. DADOS E METODOLOGIA

A identificação e a especificação das variáveis que melhor refletem o posicionamento estratégico de uma empresa dependem da indústria selecionada (Cool & Schendel, 1987). Para a população selecionada neste estudo, a atividade estratégica foi vinculada às decisões no âmbito dos negócios (tipo de consumidores, produtos e riscos) e às decisões no que se refere ao comprometimento de recursos (recursos e investimento das políticas de recursos). Já a seleção das variáveis que caracterizam essa ação estratégica fundamenta-se na revisão da literatura sobre os grupos estratégicos na indústria bancária brasileira.

Com o propósito de examinar a relação entre as perturbações nas condições ambientais e as mudanças ocorridas durante o período na estrutura competitiva dos bancos brasileiros, utilizamos variáveis semelhantes às do estudo de Gonzalez; Savoia & Gouvêa (2008) descritas no Quadro 1. Essas variáveis foram selecionadas a partir do balanço patrimonial dessas instituições financeiras. A composição do balanço dessas firmas pode ser uma boa indicação dos diversos produtos e serviços financeiros com que cada uma delas compete em seus diferentes segmentos de mercado, e seu uso possibilitou eliminar arbitrariedades na escolha das variáveis que caracterizam a ação estratégica (Amel & Rhoades, 1988).

Quadro 1. Variáveis de estudo do trabalho

VARIÁVEL	DESCRIÇÃO
DI.A	Aplicações Interfinanceiras e Disponibilidades / Ativo Total
TVM.A	Títulos e Valores Mobiliários (TVM) e Instrumentos Financeiros Derivativos / Ativo Total.
CRED.A	Total das Operações de Crédito e Arrendamento Mercantil / Ativo Total
DEP.P	Total de Depósitos / Total de Passivos
EMPR.P	Obrigações por Empréstimos e Repasses e Recursos de Aceites e Emissão de Títulos/ Passivo Total.
DI.R	Receitas de Aplicações Interfinanceiras e Disponibilidades / Receitas Totais
TVM.R	Receitas de Operações com Títulos e Valores Mobiliários (TVM) e Instrumentos Financeiros Derivativos / Receitas Totais
SERV.R	Receitas Prestação de Serviços / Receitas Totais
CRED.R	Receitas de Operações de Crédito e Arrendamento Mercantil / Receitas Totais

Este estudo utiliza dados de 18 anos de 533 bancos diferentes no período de 1994 a 2011. Esses bancos representavam a população completa das instituições bancárias brasileiras durante esse período (instituições financeiras não bancárias e cooperativas de crédito não são consideradas). A informação de base utilizada para as variáveis estratégicas foi tomada a partir dos relatórios anuais publicados pelo Banco Central do Brasil os quais forneceram dados patrimoniais detalhados, nós utilizados todos os relatórios anuais desde dezembro de 1994 a dezembro de 2011.

Apresentadas as variáveis de estudo do trabalho, realizaremos uma descrição específica dos métodos para a definição dos períodos de estabilidade estratégica e grupos estratégicos.

Este estudo, como outros trabalhos (Fiegenbaum & Thomas, 1990 e 1993; Fiegenbaum et al, 1990; Flavianos & Polo, 1998; Más, 1999; Zúñiga et al, 2004), seguiu uma metodologia similar à de Fiegenbaum et al (1987). Os períodos de estabilidade estratégica são definidos como os que satisfazem a dupla condição de que a matriz de variância-covariância, bem como o vetor de média das variáveis estratégicas permanecem relativamente estáveis.

Neste contexto, a instabilidade estratégica entra em jogo no momento em que há uma violação de um dos dois critérios postulados por Fiegenbaum et al (1987). Assim, dois testes estatísticos são aplicados aos dois critérios de estabilidade estratégicos. Para o primeiro, o teste M de Box é utilizado com a finalidade de testar a igualdade das matrizes de covariância das variáveis estratégicas, e o teste T^2 de Hotelling é, portanto, utilizado para testar o segundo critério, isto é, a igualdade dos vetores de média das variáveis estratégicas.

O teste M de Box é definido como segue:

$$H_0: \Sigma_1 = \Sigma_2$$

$$H_1: \Sigma_1 \neq \Sigma_2,$$

onde Σ representa a matriz de variância-covariância associada com as variáveis estratégicas em um determinado período.

No caso de a hipótese nula não ser rejeitada, esses dois períodos são considerados em conjunto e formam uma nova matriz de covariância Σ_{12} . Em seguida, um terceiro período é incluído e as hipóteses nulas e alternativa são reformuladas, como segue:

$$H_0: \Sigma_{12} = \Sigma_3$$

$$H_0: \Sigma_1 = \Sigma_{23}$$

$$H_1: \text{todas } \Sigma \text{ não são iguais,}$$

onde Σ_{12} e Σ_{23} são as matrizes de variância-covariância de variáveis estratégicas consideradas em conjunto para os dois primeiros períodos e para os dois últimos períodos.

No caso de ambas as hipóteses nulas serem aceitas, os três períodos são considerados como um período de estabilidade estratégica e são agrupados. Os próximos passos na avaliação dos períodos de estabilidade estratégica seguirão a mesma lógica.

O teste T^2 de Hotelling é importante diante da possibilidade de os valores médios das variáveis estratégicas mudarem, indicando um novo posicionamento estratégico sem necessariamente alterar os valores da matriz de variância-covariância das variáveis estratégicas. A lógica desse teste é semelhante à descrita no Box's M test.

A instabilidade estratégica significa que os bancos brasileiros mudaram seu posicionamento estratégico anualmente em termos de decisões no âmbito do negócio (tipo de consumidores, produtos e riscos) e as decisões no que se refere ao comprometimento dos recursos (os recursos e os investimentos das políticas de recursos), ou seja, em termos das nove variáveis de decisão estratégica do Quadro 1.

Para a construção dos grupos estratégicos, ou *clusters*, um dos métodos mais utilizados é o hierárquico aglomerativo desenvolvido por Banfield & Raftery (1993). Este método permite investigar heterogeneidade em uma população através de um modelo de mistura finita, no qual cada agrupamento é descrito por uma função densidade de probabilidade diferente de modo que:

$$f(x) = \sum_{k=1}^g \pi_k f_k(x), \text{ sendo que } 0 \leq \pi_k \leq 1 \text{ e } \sum_{k=1}^g \pi_k = 1, \text{ onde:}$$

X é uma mistura finita de g componentes (cada componente da mistura é um *cluster* distinto) com função densidade de probabilidade definida de acordo com a expressão (1);

π_k são as proporções ou pesos da mistura, ou seja, consiste na probabilidade de uma observação pertencer a k -ésima componente;

$f_1(\cdot), \dots, f_g(\cdot)$ são chamadas de densidades componentes da mistura e representam qualquer distribuição.

No entanto, considerando $f_k(x) = f_k(x | \theta_k)$ para $k = 1, 2, \dots, g$, ou seja, as densidades componentes da mistura pertencendo a uma família paramétrica, sendo θ_k um vetor dos parâmetros desconhecidos da k -ésima densidade componente da mistura, a expressão (1) pode ser reescrita como se segue:

$$f(x|\theta, \pi) = \sum_{k=1}^g \pi_k f_k(x|\theta_k) \quad (2), \text{ onde:}$$

π_k consiste a probabilidade associada a cada componente da mistura para produzir as observações $x = (x_1, \dots, x_n)$.

O vetor que contém todos os parâmetros desconhecidos, θ_k , é estimado pela aplicação do método de máxima verossimilhança utilizando o algoritmo EM (*Expectation-Maximization*). A função de verossimilhança é construída a partir de fórmula (2), da seguinte forma:

$$L_{mix}(\theta_1, \dots, \theta_g; \pi_1, \dots, \pi_g | x) = \prod_{i=1}^n \left\{ \sum_{k=1}^g \pi_k f_k(x_i | \theta_k) \right\} \quad (3), \text{ onde:}$$

o vetor $x_i = x_{i1}, x_{i2}, \dots, x_{in}$ para $i = 1, 2, \dots, n$.

Neste estudo, para a construção dos grupos estratégicos ou *clusters*, seguimos Zúñiga et al (2004), que utilizaram o módulo informático *Model-based Clustering (Mclust)*, por meio do qual é possível realizar a análise de clusters utilizando o método hierárquico aglomerativo proposto por Banfield & Raftery (1993).

Portanto, o *Mclust* torna possível obter a melhor solução possível no que refere-se ao número de *clusters* e, assim, a escolha desse número não depende do julgamento subjetivo do pesquisador como visto em casos onde os modelos hierárquicos e não hierárquicos tradicionais são usados. No *Mclust*, cada *cluster* é descrito por uma função densidade de probabilidade Φ_k de uma distribuição normal multivariada parametrizada pelo vetor de médias μ_k e a matriz de covariância Σ_k :

$$\phi(x_i | \mu_k, \Sigma_k) = \frac{\exp\left\{-\frac{1}{2}(x_i - \mu_k)^T \Sigma_k^{-1}(x_i - \mu_k)\right\}}{\sqrt{\det(2\pi \Sigma_k)}} \quad (4), \text{ onde:}$$

o vetor $x_i = x_{i1}, x_{i2}, \dots, x_{in}$ para $i = 1, 2, \dots, n$.

k é um número inteiro que identifica um determinado cluster,

$(x_i - \mu_k)^T$ é uma matriz transposta

Σ_k^{-1} é uma matriz inversa

Os parâmetros π_k , μ_k e Σ_k são estimados por meio da função de verossimilhança mostrada na expressão(5), aplicando o método de máxima verossimilhança com a utilização do algoritmo EM (*Expectation-Maximization*).

$$\prod_{i=1}^n \left\{ \sum_{k=1}^g \pi_k \phi(x_i | \mu_k, \Sigma_k) \right\} \quad (5)$$

Ressaltamos que as características de um *cluster* expressas por meio da matriz de covariâncias Σ_k podem variar e, portanto, é possível a construção de vários modelos para diferentes parametrizações dessa matriz. Outro aspecto tem a ver com a quantidade de componentes que particionam a população. Na medida em que esse número é desconhecido, é necessário utilizar uma técnica de seleção de modelos para estimar o número de componentes. Assim, a fim de escolher o melhor modelo e determinar o número de componentes (grupos)

da mistura, o Critério de Informação Bayesiana (*Bayesian Information Criterion* - BIC) é utilizado. Esse critério, mostrado na expressão (6), consiste de uma estimativa aproximada da verossimilhança integral. Ao final, quanto maior for o valor da estatística BIC, mais forte será a evidência em favor do modelo correspondente.

$$BIC(M) = 2\Lambda(M) - k(M)\log n \quad (6), \text{ onde:}$$

Λ é a máxima log- verossimilhança no modelo M
 k é a sua complexidade, ou seja, o número de parâmetros
 n é o tamanho da amostra

As mudanças nas estratégias do grupo são estudadas como em Más (1999) por meio de uma comparação dos grupos estratégicos e suas variáveis estratégicas - chaves em períodos consecutivos. Já as mudanças nos arranjos dos grupos (número de membros dos grupos) em cada período são estudadas pela taxa de mobilidade, a qual se trata do cálculo da probabilidade de uma firma mover-se entre grupos estratégicos em períodos consecutivos de acordo com o processo desenvolvido por Sudharshan et al (1991). Por fim, as alterações no número de grupos estratégicos na indústria bancária brasileira são levantadas observando acréscimos e reduções de grupos em cada período.

4. RESULTADOS

Estudos empíricos sobre a dinâmica dos grupos estratégicos afirmam que, quando há uma súbita mudança nas condições ambientais, é possível observar um período de instabilidade estratégica em uma indústria. No entanto, existem algumas diferenças entre esses estudos acerca do efeito de tais distúrbios ambientais na estrutura competitiva e posicionamento estratégico das empresas. Para mostrar empiricamente que, tendo em conta uma população que está sujeita a mudanças contínuas nas condições ambientais, existem alterações significativas na estratégia competitiva dos grupos estratégicos (mudanças nos padrões competitivos dos grupos) e instabilidade em tais grupos (variação no número de grupos), é necessário identificar quais são os períodos de estabilidade estratégica (ou seja, períodos de homogeneidade e semelhança no comportamento competitivo das empresas) e os grupos estratégicos em cada período.

A fim de definir o período de tempo quando a estrutura dos grupos estratégicos não estava sujeita a alterações significativas, foi realizado o teste M de Box e o teste T² de Hotelling. Não obstante, Cool & Schendel (1987) afirmam que a determinação dos pontos de transição estratégica pode ser afetada pela composição da amostra a ser utilizada e, para isso, é necessária uma análise complementar para verificar a sensibilidade dos resultados à composição da amostra.

A abordagem sugerida pelos autores consiste em determinar os pontos de transição estratégica em uma amostra “q” de empresas onde “q < n” e repetir essa análise várias vezes, adicionando empresas até obter o “n” total da amostra. Seguimos essa abordagem e repetimos os testes citados para as amostras de bancos selecionados aleatoriamente cujos resultados obtidos são apresentados na Tabela 1.

A existência de instabilidade estratégica pode ser inferida a partir da violação, para qualquer das amostras de bancos selecionadas aleatoriamente, de uma das seguintes condições: (i) a matriz de variância-covariância permaneça relativamente estável; (ii) o vetor de média das variáveis estratégicas permaneça relativamente estável.

Observamos que, em quase todos os anos estudados, para pelo menos uma das amostras de bancos selecionadas aleatoriamente, a hipótese nula sobre a igualdade entre as matrizes de covariância (teste M de Box) ou os vetores de média das variáveis estratégicas (teste T² de Hotelling) é rejeitada. Exceto para os anos de 1994 e 1995, há elevada instabilidade

Tabela 1. Testes de igualdade da matriz de variância-covariância e vetor de média das variáveisBBR
14,4

Anos Comparados	Tamanho da amostra n=	M Box	F	Probabilidade	T ²	F	Probabilidade
1994-1995	533	182,632	3,986	0,000	0,266	15,468	0,000
	453	176,499	3,841	0,000	0,272	13,495	0,000
	400	261,674	5,681	0,000	0,281	12,597	0,000
	346	238,054	5,155	0,000	0,318	12,824	0,000
1995-1996	524	196,742	4,293	0,000	0,044	2,524	0,008
	445	179,471	3,902	0,000	0,039	1,851	0,058
	393	136,113	2,948	0,000	0,051	2,078	0,031
	341	161,971	3,494	0,000	0,058	2,031	0,036
1996-1997	504	107,398	2,342	0,000	0,061	3,370	0,001
	428	72,940	1,584	0,008	0,073	3,340	0,001
	378	126,913	2,751	0,000	0,079	3,280	0,001
	328	87,832	1,895	0,000	0,076	2,700	0,005
1997-1998	478	50,736	1,105	0,291	0,024	1,223	0,278
	406	90,045	1,955	0,000	0,029	1,288	0,241
	359	110,265	2,383	0,000	0,030	1,141	0,333
	311	73,058	1,573	0,008	0,031	1,034	0,413
1998-1999	453	67,310	1,464	0,023	0,065	3,213	0,001
	385	70,514	1,527	0,013	0,055	2,242	0,019
	340	41,630	0,899	0,665	0,090	3,223	0,001
	294	48,950	1,054	0,374	0,062	2,055	0,033
1999-2000	434	177,672	3,862	0,000	0,015	0,713	0,697
	369	175,321	3,796	0,000	0,019	0,743	0,670
	326	142,223	3,068	0,000	0,013	0,436	0,915
	282	224,330	4,822	0,000	0,030	0,943	0,488
2000-2001	417	188,419	4,092	0,000	0,017	0,791	0,625
	354	304,868	6,596	0,000	0,030	1,184	0,304
	313	172,118	3,709	0,000	0,037	1,241	0,269
	271	42,102	0,900	0,662	0,060	1,636	0,106
2001-2002	397	42,931	0,931	0,604	0,040	1,714	0,084
	337	102,148	2,208	0,000	0,057	2,125	0,027
	298	66,298	1,425	0,032	0,450	1,407	0,184
	258	78,184	1,674	0,003	0,033	0,938	0,493
2002-2003	384	43,191	0,936	0,595	0,028	1,145	0,330
	326	72,446	1,563	0,009	0,031	1,082	0,376
	288	59,280	1,273	0,103	0,046	1,397	0,189
	250	77,817	1,663	0,003	0,045	1,200	0,296
2003-2004	378	93,879	2,034	0,000	0,029	1,176	0,309
	321	102,510	2,211	0,000	0,036	1,236	0,272
	284	191,399	4,113	0,000	0,055	1,705	0,088
	246	103,269	2,202	0,000	0,072	1,814	0,067

375

BBR								
14,4		372	55,285	1,197	0,171	0,009	0,369	0,949
	2004-2005	316	71,810	1,549	0,011	0,014	0,486	0,883
		279	80,696	1,728	0,002	0,030	0,834	0,585
376		242	76,471	1,629	0,005	0,017	0,417	0,925
		363	15,073	0,326	1,000	0,018	0,720	0,690
	2005-2006	309	24,226	0,522	0,997	0,038	1,253	0,262
		272	74,965	1,601	0,006	0,062	1,606	0,114
		236	52,771	1,124	0,262	0,074	1,820	0,066
		356	32,368	0,700	0,936	0,026	1,007	0,434
	2006-2007	303	43,887	0,945	0,578	0,029	0,951	0,481
		267	66,131	1,416	0,034	0,052	1,462	0,162
		231	91,062	1,937	0,000	0,066	1,562	0,128
		356	38,503	0,833	0,780	0,030	1,142	0,332
	2007-2008	303	48,520	1,044	0,392	0,040	1,263	0,257
		267	51,151	1,097	0,303	0,037	1,090	0,370
		231	81,343	1,730	0,002	0,039	0,923	0,506
		357	41,514	0,898	0,667	0,071	2,720	0,004
	2008-2009	303	45,854	0,988	0,495	0,081	2,728	0,005
		268	73,321	1,569	0,009	0,081	2,252	0,019
		232	61,349	1,305	0,082	0,089	2,135	0,028
		356	43,850	0,948	0,571	0,041	1,564	0,125
	2009-2010	303	56,260	1,208	0,159	0,061	1,864	0,057
		267	62,827	1,344	0,062	0,053	1,423	0,179
		231	97,610	2,081	0,000	0,092	2,292	0,018
		357	28,610	0,619	0,979	0,016	0,621	0,779
	2010-2011	303	74,133	1,595	0,007	0,029	0,919	0,509
		268	85,274	1,825	0,001	0,050	1,384	0,196
		232	67,151	1,424	0,032	0,045	1,003	0,439

Fonte: Banco Central do Brasil – BACEN (dados utilizados pelos autores).

Nota: Ajustes utilizados – testes realizados para várias amostras aleatórias dos bancos obtidas através de uma sintaxe que seleciona uma amostra aleatória simples que representou uma porcentagem de casos, disponível no IBM® SPSS®.

estratégica. Uma possível explicação para isso são as contínuas mudanças ambientais a que estiveram sujeitas as firmas dessa indústria.

Uma série de eventos - os principais são apresentados cronologicamente no Quadro 2 - exerceram efeito sobre a indústria bancária brasileira ao longo do tempo. Essas perturbações ambientais podem ser consideradas como as justificativas para as interrupções na estabilidade estratégica, ou seja, elas resultaram na necessidade de os bancos brasileiros reformularem suas estratégias para adaptarem-se às novas condições impostas pelo ambiente.

Os resultados apresentados estão compatíveis com o trabalho de Zúñiga et al (2004). Considerando que cada ano está associado a um ponto de transição dos padrões competitivos dos bancos, testaremos nossa explicação para o elevado nível de instabilidade estratégica através da identificação dos grupos estratégicos para cada um dos anos em estudo.

O setor bancário brasileiro experimentou episódios marcantes que provocaram mudanças significativas em sua composição. Muitos bancos não se adaptaram facilmente às novas condições ambientais impostas, e, como resultado, ocorreram falências, fusões, aquisições e privatizações. A partir dessas constatações, espera-se que diferentes estruturas dos grupos estratégicos em termos de número de grupos e a sua composição terão lugar durante a janela temporal definida para este estudo.

Quadro 2. Possível causa ambiental da ruptura durante os períodos de tempo estável

Data	Perturbações Ambientais
1994	Implantação do Plano Real e processo de estabilização de preços: as rendas advindas da inflação caíram, e os bancos passaram a auferir receitas através do aumento do crédito e cobrança de tarifas sobre os serviços bancários. Adesão do Brasil aos acordos da Basileia e exigência de capital mínimo a ser retido pelos bancos em relação ao risco de suas operações ativas.
1995	Políticas monetária e creditícia restritivas e crescimento do nível de inadimplência: aumento nos níveis de depósitos compulsórios, introdução de outros controles sobre a criação de crédito e elevação das taxas de juros básicas para reduzir a liquidez do sistema. A crise de dois grandes bancos, Econômico e Nacional, tornou-se o estopim de uma crise sistêmica resultando em um processo de desregulamentação financeira, abertura ao capital estrangeiro vinculada à aquisição de bancos problemáticos e instituição do Proer com o propósito de assegurar a liquidez e a solvência do sistema.
1996	Privatização dos bancos estaduais: através do Proes o governo estadual financiou a reestruturação dos bancos estaduais, e das 35 instituições estaduais existentes no período 10 foram extintas, 6 privatizadas, 7 federalizadas para posterior privatização e 5 reestruturadas.
1997 à 1999	Crises externas, resultado do contágio das crises asiática e russa: bancos realizaram um ajuste em sua estrutura patrimonial aumentando a participação na composição dos ativos de aplicações em títulos públicos indexados ao câmbio e a taxa de overnight; esta alteração proporcionou um hedge cambial contra a desvalorização cambial que ocorreu em 1999.
2000	A bolha <i>dot-com</i> : uma bolha especulativa durante o qual houve um rápido aumento nos mercados de ações alimentada por investimentos em empresas baseadas na internet.
2001	Adequação dos bancos públicos: através da instituição do Proef, as instituições financeiras públicas federais foram capitalizadas bem como submetidas à mesma disciplina (regulamentação) a que estavam submetidos os bancos privados e, portanto se tornariam mais "transparentes".
2002 e 2003	Turbulências no mercado financeiro na América Latina e aversão global ao risco: retração na expansão dos bancos estrangeiros no Brasil – alguns bancos estrangeiros (como o Sudameris do Brasil e o BBV Banco) que não conseguiram criar escala suficiente para competir no varejo venderam seus ativos no país.
2004 e 2005	Perspectiva de estabilização dos preços internos e das taxas de câmbio: houve um novo ciclo expansivo do crédito direcionado principalmente ao financiamento das famílias, os grandes bancos varejistas investiram na compra/criação de sociedades de crédito; financiamento e investimentos e realizaram parcerias com redes de lojas varejistas. Os conglomerados de pequeno e médio porte passaram a celebrar convênios com entidades públicas federais, estaduais e municipais e empresas privadas com o intuito de conceder empréstimo consignado em folha de pagamento.
2008 e 2009	Crise do subprime: crise externa restringiu o acesso dos bancos e das empresas brasileiras às linhas de crédito externo, bem como afetou o mercado de capitais e de câmbio do país. O Governo e o Banco Central buscaram minimizar os impactos dessa crise no setor financeiro brasileiro através de uma série de medidas, dentre as quais a redução do compulsório; contudo os bancos perderam valor em virtude da crise de confiança que abateu os mercados financeiros mundiais.
2011	Crise na zona do euro: as subsidiárias brasileiras de bancos europeus passaram a apresentar necessidades de capitalização mediante a exclusão do mercado de captação de recursos internacional.

Identificamos os grupos estratégicos em cada ano analisado por meio do *Model-Based Clustering (Mclust)* (Banfield e Raftery, 1993). Essa técnica de *cluster* permite aos pesquisadores obter a melhor solução possível (número de *clusters*) por meio do algoritmo EM (*expectation-maximization*) para o método da máxima verossimilhança com modelos

de misturas gaussianas parametrizadas. O procedimento utilizado para determinar o número ideal de *clusters* foi critério BIC – (*Bayesian Information Criterion*). A tabela 2 resume o número de grupos estratégicos identificados em cada um dos anos considerados no estudo, o número de novos grupos estratégicos, aqueles que desapareceram, reapareceram e persistiram bem como a variação líquida ocorrida com o tempo.

Durante a janela temporal do estudo, o número de grupos variou entre 3 e 9. Períodos que apresentaram um maior número de grupos foram sucedidos por aqueles com maior desaparecimento de grupos. Eles correspondem a anos de grandes distúrbios ambientais, tais como os anos 2002 e 2003 nos quais ocorreram perturbações econômicas nos países sul-americanos dentre eles o Brasil. Essa constatação pode ser considerada uma indicação de que as instituições bancárias modificam suas estratégias competitivas em resposta a mudanças nas condições ambientais.

Além disso, 29 (vinte e nove) grupos estratégicos foram identificados no período de 1994 a 2011, este número de grupos está proporcionalmente (considerando o número de bancos e a janela temporal do estudo) em linha com os estudos de Zúñiga et al (2004) em que foram identificados 24 (vinte e quatro) grupos estratégicos no setor bancário espanhol.

Vale destacar que somente 4 (quatro) desses grupos estratégicos perduram no decorrer de toda janela temporal do estudo, portanto cerca de 23 (vinte e três) deles podem ser considerados como grupos transitórios detalharemos essa definição ainda nesta seção.

A fim de identificar as estratégias que distinguem um grupo do outro, seguindo o procedimento utilizado por Amel & Rhoades (1988), comparamos os valores médios das variáveis estratégicas de cada grupo com a média da indústria.

Dos grupos totais assim identificados, cerca de 6 (seis) desses descritos no Quadro 3 podem ser considerados como modelos básicos de conduta estratégica dos bancos brasileiros (quatro persistem por toda a janela temporal do estudo e dois desaparecem em um determinado ano, mas ressurgem no ano subsequente). Os outros grupos aparecem e desaparecem ao longo dos anos e, por isso, podem ser vistos como padrões competitivos transitórios (ou grupos estratégicos transitórios).

No que diz respeito aos bancos tomados como modelos básicos de conduta estratégica, os bancos de varejo, bancos de crédito e de tesouraria dedicam-se a uma intermediação bancária completa, enquanto os de operações interbancárias, comerciais e de transferência seriam os intermediários da intermediação bancária, ou seja, são intermediários dentro do sistema que visa garantir a liquidez dos outros negócios.

Já em relação aos bancos tidos como transitórios, a justificativa para tal comportamento está pautada no estudo de Gonzalez; Savoia & Gouvêa (2008), conforme ressaltado pelos autores, as operações interbancárias (DI) não são uma atividade lucrativa em longo prazo uma vez que uma instituição doadora incorre no custo elevado de sustentar uma estrutura bancária sem beneficiar-se das margens generosas do spread bancário.

Observa-se, então, que alguns dos grupos transitórios (aqueles que aparecem e desaparecem ao longo da janela temporal do estudo) são compostos por esses bancos de operações interbancárias (DI) que incrementaram recentemente sua carteira de crédito e portanto ainda não apresentam receitas de crédito expressivas em virtude da maturação incipiente dos empréstimos ora concedidos.

Uma parte desses grupos transitórios também é composta de bancos que mostraram uma carteira de crédito significativa em períodos anteriores, ou seja, eram bancos de crédito. No entanto, eles estão em uma fase de revisão de sua estratégia de atuação reduzindo sua exposição ao risco em operações de crédito, ou por bancos de tesouraria, operações interbancárias e negócios em fase de transição incrementando sua carteira de crédito.

Em anos de grandes distúrbios ambientais, observa-se claramente um aumento no número de grupos estratégicos seguido pela sua redução. Dentre tais anos, cabe citarmos

Tabela 2. A evolução do número de grupos estratégicos ao longo do tempo

	Anos																	
	1994	1995	1996	1997	1998	1999	2000	2001	2002	2003	2004	2005	2006	2007	2008	2009	2010	2011
Nº de grupos	6	7	8	6	5	6	4	6	9	3	4	9	9	5	3	8	9	5
Nº de novos grupos	0	2	3	0	0	1	0	2	4	0	0	3	3	0	0	2	3	0
Nº de grupos que reapareceram	0	0	0	0	0	0	0	0	0	0	1	2	0	0	0	3	0	0
Nº de grupos que desapareceram	0	1	2	2	1	0	2	0	1	6	0	0	3	4	2	0	2	4
Varição líquida no nº de grupos	0	1	1	-2	-1	1	-2	2	3	-6	1	5	0	-4	-2	5	1	-4
Nº de grupos que persistiram	0	5	5	6	5	5	4	4	5	3	3	4	6	5	3	3	6	5

Fonte: Banco Central do Brasil – BACEN (dados utilizados pelos autores)

Quadro 3. Os grupos estratégicos mais estáveis e a frequência dos desaparecimentos LER

Período	Grupo Estratégico	Principais Características Estratégicas
Grupos estratégicos estáveis com menor frequência de desaparecimento		
1994 – 2011	Bancos de Varejo	Apesar de não apresentarem nenhum tipo de especialização evidente no que tange as suas aplicações, em geral tratam-se de bancos com perfil de atuação híbrido tanto em operações em crédito quanto em tesouraria. Sua captação é feita principalmente através de depósitos apresentando, portanto, uma elevada alavancagem.
1994 – 2011	Bancos de Operações Interbancárias	No que refere-se as suas aplicações, são especializados em aplicações interfinanceiras, sendo suas principais receitas subdivididas em operações interbancárias e prestação de serviços. A principal fonte de recursos destes bancos trata-se do Capital Próprio e, portanto, são bancos de baixa alavancagem.
1994 – 2007 e 2009 – 2011	Bancos de Tesouraria	Tratam-se de bancos que apresentam aplicações e receitas expressivas em títulos e valores mobiliários e instrumentos financeiros derivativos. Assim como os bancos de operações interbancárias, sua captação esta predominantemente em Capital Próprio e, portanto, também são bancos de baixa alavancagem.
1994 – 2002 e 2004 – 2011	Bancos de Crédito	Consistem em bancos especializados em operações de crédito, assim apresentam aplicações e receitas expressivas em crédito. São bancos de alavancagem bastante elevada quando comparados aos demais bancos sendo sua captação feita principalmente através de depósitos.
Grupos estratégicos estáveis com maior frequência de desaparecimento		
1994 – 1999, 2001 – 2002, 2005 – 2007 e 2009 – 2011	Bancos de Repasse	Assim como os bancos de crédito estes bancos são especializados em operações de crédito, todavia diferenciam-se dos bancos de crédito quanto as suas origens de recursos uma vez que não apresentam captação através de depósitos expressiva sendo que sua fonte principal de recursos esta na conta de obrigações por empréstimos e repasses (conta esta que representa principalmente empréstimos feitos pelo sistema BNDES). Tratam-se de bancos distribuidores de recursos que não possuem tamanho ou recursos para manter uma estrutura de agências.
2005 – 2006 e 2009 – 2010	Bancos de Negócio	São bancos de baixa alavancagem e altas receitas de serviços, contudo não apresentam nenhuma preponderância em suas contas de ativos. Estes bancos podem adotar a estratégia de investir no interbancário (DI) e em tesouraria como alternativa a sazonalidade ou baixa demanda por serviços de colocação e emissão de títulos privados.

Fonte: Banco Central do Brasil – BACEN (dados utilizados pelos autores)

2002 e 2003, um período marcado por perturbações econômicas nos países sul-americanos (dentre os quais Argentina e Brasil).

No cenário internacional, a Crise da Nasdaq impulsionou a aversão ao risco dos investidores, assim como o avanço da Crise Argentina, que culminou na desvalorização da moeda e falência do Estado, o que afetou negativamente o Brasil. Somada ao conturbado contexto internacional a eleição presidencial, na qual o candidato de esquerda Luis Inácio Lula da Silva liderava as intenções de voto, provocou uma reação negativa do mercado financeiro em virtude do risco de que o futuro governo alterasse a política econômica.

No início de 2002, os títulos públicos emitidos pelo Tesouro Nacional e Banco Central perderam valor, e a credibilidade da dívida pública brasileira é questionada; diante do crescimento da aversão ao risco, há um racionamento do crédito. Nesse ano observamos um aumento no número de grupos transitórios, o que indica um reposicionamento estratégico dos bancos brasileiros. Já em 2003 apenas três grupos estratégicos são observados (bancos

de operações interbancárias, tesouraria e varejo). Estando o posicionamento estratégico desses bancos em linha com o contexto de racionamento de crédito, houve também uma retração na expansão dos bancos estrangeiros no Brasil marcada pelo encerramento das atividades de alguns deles no país.

Também a Crise do Subprime consiste em outro período merecedor de destaque. No Brasil a crise externa restringiu o acesso dos bancos e das empresas às linhas de crédito externo, além de afetar o mercado de capitais e de câmbio do país. Coube ao Governo e ao Banco Central a adoção de medidas para minimizar os impactos dessa crise. Dentre tais medidas, aquelas de cunho creditício estão refletidas no posicionamento estratégico dos bancos em 2008, quando observamos três grupos estratégicos (bancos de operações interbancárias, crédito e varejo), dos quais dois estão direcionados principalmente à concessão de crédito.

À luz dos resultados até o momento apresentados, podemos inferir que a evolução da indústria bancária brasileira tem sido marcada por períodos de instabilidade estratégica – os bancos brasileiros redirecionam sua estratégia para assim enfrentar novos contextos ambientais. Alguns dos grupos estratégicos ora observados consistem em grupos transitórios constituídos por bancos que estão reposicionando sua estratégia competitiva em direção a um padrão competitivo, ou seja, estão realizando mudanças incrementais em sua estratégia reconfigurando sua base de ativos para assim competir sob novas condições de mercado.

Diante de um padrão estratégico viável, em direção ao qual os bancos tendem a mover-se e, portanto, esses grupos tendem a crescer. Cada vez mais outros bancos passam a seguir aqueles que se apresentam bem sucedidos. Para evidenciarmos as mudanças nos arranjos dos grupos (número de membros dos grupos) em cada período, calculamos as taxas de mobilidade entre grupos estratégicos; para construirmos este índice registramos o número de vezes em que os bancos se movem de um determinado grupo para outro, assim como o número de vezes em que permanecem no mesmo grupo.

Ao compararmos os grupos estratégicos em períodos consecutivos, nos casos em que os mesmos bancos pertencem a grupos idênticos em ambos os períodos, pode-se afirmar que não existe mobilidade uma vez que não há alterações na composição ou estrutura dos grupos em tais períodos. No instante em que qualquer banco difere de grupo, a mobilidade manifesta-se caso existam diferenças consideráveis na composição dos grupos.

Os resultados mostram uma taxa de mobilidade que oscila entre 0,455 e 0,745, indicando um nível relativamente elevado de mobilidade entre os grupos estratégicos. Em média, de acordo com a Tabela 3, cerca de 61,1% dos bancos mudaram seu posicionamento estratégico ao longo da janela temporal deste estudo.

Tabela 3. Taxa de mobilidade entre os grupos estratégicos

	Anos																
	94-95	95-96	96-97	97-98	98-99	99-00	00-01	01-02	02-03	03-04	04-05	05-06	06-07	07-08	08-09	09-10	10-11
Taxa de mobilidade	0,523	0,538	0,683	0,460	0,642	0,695	0,736	0,647	0,745	0,466	0,694	0,625	0,556	0,455	0,669	0,584	0,664

Fonte: Banco Central do Brasil – BACEN (dados utilizados pelos autores).

Nota: Taxa de Mobilidade = 0: não há mobilidade, estabilidade estratégica perfeita.

Taxa de Mobilidade = 1: mobilidade total, instabilidade estratégica perfeita.

Esse nível alto de mobilidade evidencia uma maior instabilidade nos padrões estratégicos de uma indústria representada por uma população de empresas composta também por pequenas firmas, como é o caso do mercado bancário brasileiro.

Além disso, nossa constatação de redução no número de grupos estratégicos em anos em que há mudanças nas condições ambientais pode estar relacionada ao fato de que grupos que apresentam um padrão estratégico viável (aparentemente apresentariam estratégias que os tornariam bem-sucedidos) tendem a crescer ao atrair outros bancos em sua direção

e também encontraria apoio na literatura sobre concentração bancária. Essa literatura sugere que crises são menos prováveis em economias nas quais há concentração bancária, bem como essa concentração proporciona às empresas lucros acima do normal. Assim, a concentração de mercado aumenta o poder de mercado e aumenta os lucros dos bancos uma vez que permite que eles aumentem as taxas de juros. (Becker et al 2006).

5. CONCLUSÕES

Diante das limitações apontadas por Zúñiga et al (2004) quanto aos estudos empíricos que investigaram (através de uma perspectiva dinâmica) questões fundamentais sobre a formação dos grupos estratégicos, sua evolução e tipos de mudanças por eles sofridas, nosso estudo examinou questões como a dinâmica da estrutura competitiva e o posicionamento estratégico das firmas e da indústria bancária brasileira. Consideramos nesta análise um período caracterizado por instabilidade nas condições ambientais além de contemplarmos uma amostra instável de bancos (estes “nascem” e desaparecem no decorrer da janela temporal em estudo) a qual é composta não só pelos maiores bancos da indústria, mas também por pequenos bancos.

Inicialmente, reconheceu-se por meio de técnicas estatísticas (entre elas o M de Box e o teste T^2 de *Hotelling*), a existência de períodos de grande instabilidade estratégica na indústria bancária brasileira. Uma das razões já atribuídas para isso estaria estritamente relacionada a contínuos distúrbios ambientais que ocorreram no setor ao longo do período.

No que se refere às perturbações ambientais, também destacamos que, tendo em conta uma amostra de bancos também constituídos por pequenos bancos, teria sido difícil encontrar períodos de estabilidade estratégica, uma vez que cada banco reagiria de forma diferente às transformações ambientais. A partir desses primeiros resultados, investigou-se a ocorrência de diferentes estruturas de grupos estratégicos em termos do número de grupos e da sua composição por meio da identificação deles ao longo da janela temporal definida para este estudo.

Ao longo dos 18 anos contemplados neste estudo, diferentes estruturas de grupos estratégicos em termos de número de grupos são observadas. Diversos estudos empíricos (Cool, 1985; Cool & Schendel, 1987; Fiegenbaum, 1987; Mascarenhas, 1989; Fiegenbaum & Thomas, 1990) oferecem fortes evidências em relação à existência de períodos de estabilidade estratégica, além de uma certa estabilidade tanto no número de grupos estratégicos identificados quanto no padrão de comportamento competitivo de cada um e uma baixa mobilidade entre os grupos estratégicos ao longo do tempo. Nosso estudo, por sua vez, corrobora o trabalho de Zúñiga et al (2004) e fornece evidências empíricas de que em uma amostra de grandes e pequenas firmas que tenham sido submetidas a instabilidades nas condições ambientais ao longo do tempo dificilmente encontraremos período de plena estabilidade estratégica.

Essa constatação significa que, em algum momento do tempo, há uma mudança no posicionamento estratégico dessas firmas, e permite uma compreensão quanto à evolução nos padrões competitivos de uma indústria ao longo do tempo.

Individualmente os bancos também alteraram seu posicionamento competitivo, e a taxa de mobilidade para a indústria brasileira apresentou-se alta (cerca de 61% dos bancos, em média, alteraram seu posicionamento estratégico) em relação a outros estudos empíricos e bem próxima aos resultados de Zúñiga et al (2004) na indústria bancária espanhola.

Ressaltamos que este resultado deve ser considerado com cautela, uma vez que a probabilidade de alterações no posicionamento estratégico dos bancos individualmente medido através da taxa de mobilidade na indústria bancária brasileira foi bastante diferente a cada ano considerado. Uma possível justificativa pode estar atrelada ao fato de que os indivíduos que conduzem a cada um dos bancos reagiriam de modo diferente a cada evento

ambiental. Caberia também investigar-se a existência de um mimetismo na medida em que há o despontar de uma nova estratégia. Neste contexto, um bom desempenho por parte de alguns dos membros de um determinado grupo dominante seria também observado no decorrer do tempo nos demais.

6. REFERÊNCIAS

- AMEL, D. ; RHOADES, S. A. Strategic groups in banking. *The Review of Economics and Statistics*, v. 70, p. 685-689, 1988.
- AMEL, D. ; RHOADES, S. A. The performance effects of strategic groups in banking. *The Antitrust Bulletin*, v. 37, p. 171-186, 1992.
- BANCO CENTRAL DO BRASIL. Informações Contábeis: Balancetes, available at www.bcb.gov.br.
- BECK, T.; DE JONGHE, O.; SCHEPENS, G. (2013). Bank competition and stability: cross-country heterogeneity. *Journal of financial Intermediation*, 22(2), 218-244.
- BECK, T.; DEMIRGÜÇ-KUNT, A.; LEVINE, R. (2006). Bank concentration, competition, and crises: First results. *Journal of Banking & Finance*, 30(5), 1581-1603.
- BOGNER, W. C. *Patterns of intra-industry competition: A dynamic analysis of theoretical foundations of strategic groups*. Doctoral Thesis, University of Illinois at Urban-Champaign, 1991.
- CAVES, R. E.; PORTER, M. From entry barriers to mobility barriers: conjectural decisions and contrived deterrence to new competition. *Quarterly Journal of Economics*, v. 91, p. 241-26, 1977.
- COOL, K. *Strategic group formation and strategic group shifts: a longitudinal analysis of the U.S. Pharmaceutical*. Doctoral Thesis, Purdue University, 1985.
- COOL, K.; SCHENDEL, D. Strategic group formation and performance: the case of the U.S. pharmaceutical industry, 1963-82. *Management Science*, v. 33, p. 1102-1124, 1987.
- COOL, K.; SCHENDEL, D. Performance Differences Among Strategic Group Members. *Strategic Management Journal*, v. 9, p. 207-223, 1988.
- FIGENBAUM, A. *Dynamic Aspects of Strategic Groups and Competitive Strategy: concepts and empirical examination in the Insurance Industry*. Doctoral Thesis, University of Illinois at Urban-Champaign, 1987.
- FIGENBAUM, A.; THOMAS, H. Strategic Groups and Performance: The U.S. Insurance Industry, 1970-84. *Strategic Management Journal*, v. 11, p. 197-215, 1990.
- FIGENBAUM, A.; THOMAS, H. Industry and Strategic Group Dynamics: Competitive Strategy in the Insurance Industry, 1970-84. *Journal of Management Studies*, v. 30, p. 69-105, 1993.
- FIGENBAUM, A.; THOMAS, H. Strategic groups as reference groups: theory, modeling and empirical examination of industry and competitive strategy. *Strategic Management Journal*, v. 16, p. 461-476, 1995.
- FIGENBAUM, A.; SUDHARSHAN, D.; THOMAS, H. The concept of stable strategic time periods in strategic groups research. *Managerial and Decision Economics*, v. 8, p. 139-148, 1987.
- FIGENBAUM, A.; SUDHARSHAN, D.; THOMAS, H. Strategic time periods and strategic groups research: concepts and an empirical example. *Journal of Management Studies*, v. 27, p. 133-148, 1990.
- FLAVIÁN, C.; HABERBERG, A.; POLO, Y. Food retailing strategies in the European Union. A comparative analysis in the UK and Spain. *Journal of Retailing and Consumer Services*, v. 9, p. 125-138, 2002.
- FLAVIÁN, C.; POLO, Y. Competitive strategies in Southern Europe: the case of Spanish retailers. *International Journal of Retail & Distribution Management*, v. 26, p. 13-28, 1998.
- GARCÍA, M. T.; SANTOS, M. V.; VELLELADO, E. Grupos estratégicos en las cajas de ahorro españolas: dinámica temporal, consistencia interna y resultados. *Cuadernos de Economía y Dirección de la Empresa*, v. 10, p. 432-461, 2001.
- GONZALEZ, R. B.; SAVOIA, J. R.; GOUVÊA, M. A. Grupos estratégicos bancários: uma abordagem transversal multivariada para o problema da segmentação dos bancos no Brasil. *RAM – Revista de Administração Mackenzie*, v. 9, n. 7, p. 11-40, 2008.
- HATTEN, K. J. *Strategic Models in the Brewing Industry*. Doctoral Thesis, Purdue University, 1974.
- HATTEN, K. J.; HATTEN, M.L. Strategic Groups, Asymmetrical Mobility Barriers and Contestability. *Strategic Management Journal*, v. 8, p. 329-342, 1987.
- HUNT, M. *Competition in the Major Home Appliance Industry, 1960-70*. Doctoral Thesis, Harvard University, 1972.
- KETCHEN, D. J.; THOMAS J. B.; SNOW C. C. Organizational Configurations and Performance: A Comparison of Theoretical Approaches. *Academy of Management Journal*, v. 36, p. 1278-1313, 1993.
- MÁS, F. J. Dynamic analysis of competition in marketing: strategic groups in Spanish banking. *International Journal of Bank Marketing*, v. 17, p. 233-250, 1999.

- BBR
14,4
384
-
- MÁS, F. J. Predicción de la estructura future de la indústria. La teoría de grupos estratégicos. *Economía Industrial*, v. 311, p. 193-201, 1996.
- MASCARENHAS, B. Strategic Groups Dynamics. *Academy of Management Journal*, v. 32, p. 333-352, 1989.
- MASCARENHAS, B.; AAKER, D. A. Mobility Barriers and Strategic Groups. *Strategic Management Journal*, v. 10, p. 475-485, 1989.
- MCGEE, J.; THOMAS, H. Strategic Groups: Theory, Research and Taxonomy. *Strategic Management Journal*, v. 7; p. 141-160, 1986.
- NEWMAN, H. H. *Strategic Groups and the Structure-Performance Relationship: A Study with Respect to the Chemical Process Industries. Doctoral Thesis*, Harvard University, 1973.
- NEWMAN H. H. Strategic groups and the structure-performance relationship. *Review of Economics and Statistics*, v. 60, p. 417-427, 1978.
- OSTER, S. M. Intraindustry structure and the ease of strategic change. *Review of Economics and Statistics*, v. 64, p. 376-383, 1982.
- PATTON, G. R. *A Simultaneous Equation Model of Corporate Strategy: The Case of the U.S. Brewing Industry. Doctoral Thesis*, Purdue University, 1976.
- PORTER, M. E. *Consumer Behavior, Retailer Power, and Manufacturer Strategy in Consumer Goods Industries. Doctoral Thesis*, Harvard University, 1973.
- PORTER, M. E. *Interbrand Choice, Strategy and Bilateral Market Power*. Cambridge: Harvard University Press, 1976.
- PORTER, M. E. The structure within industries and companies performance. *Review of Economics and Statistics*, v. 61, p.214-227, 1979.
- SAVOIA, J. R. F.; WEISS, J. Uma aplicação de análise multivariada para a estrutura de ativos e passivos de bancos. In: CLADEA-CONSEJO LATINOAMERICANO DE ESCUELAS DE ADMINISTRACION, Jul. 1995, Monterrey Anais. Monterrey: CLADEA, 1995.
- SUDHARSHAN, D.; THOMAS, H.; FEIGENBAUM, A. Assessing mobility barriers in dynamic strategic groups analysis. *Journal of Management Studies*, v. 28, p. 429-438, 1991.
- TRIBUNAL DE CONTAS DA UNIÃO. Contas do Governo da República: Exercício de 2009, available at www.tcu.gov.br.
- ZÚÑIGA VICENTE, J. A.; FUENTE SABATÉ, J. M.; SUÁREZ GONZÁLEZ, I. Dynamics of the strategic group membership–performance linkage in rapidly changing environments. *Journal of Business Research*, v. 57, n. 12, p. 1378-1390, 2004.